

Entre Formalismo e Funcionalismo: considerações sobre o Estruturalismo, Gerativismo e Funcionalismo Linguístico e uma proposta de análise a partir de princípios funcionalistas

Between Formalism and Functionalism: considerations on Structuralism, Generativism and Functional Linguistics and a proposal for analysis based on functionalist principles

Abraão Cleber Silva Nolasco*
Mayara de Oliveira Nogueira**

Resumo: Neste artigo, objetivamos discorrer sobre as três grandes tendências da Linguística: Estruturalismo, Gerativismo e Funcionalismo Linguístico, assim como apresentar uma proposta para o tratamento dos usos linguísticos por esta última teoria a partir de duas categorias de análise (iconicidade e informatividade), com base nos trabalhos de Santos (2016) e Autor (2022). Para abordarmos tais tendências, foram fundamentais Castilho (2010), Costa (2015), Faraco (2011), Furtado da Cunha (2015), Givón (1995; 2001), Kenedy (2015), Pezatti (2011), Weedwood (2002), entre outros. Esperamos que este artigo possa contribuir com os estudos da linguagem, assim como auxiliar aqueles que se interessam pela linguagem humana em seus estudos e análises.

Palavras-chave: Tendências da Linguística. Estruturalismo. Gerativismo. Funcionalismo. Proposta de análise.

Abstract: In this paper, we aim to discuss the three major trends of Linguistics: Structuralism, Generativism and Functional Linguistics, as well as to present a proposal for the treatment of linguistic uses by the latter theory based on two categories of analysis (iconicity and informativity) based on the works of Santos (2016) and Autor (2022). Castilho (2010), Costa (2015), Faraco (2011), Furtado da Cunha (2015), Givón (1995; 2001), Kenedy (2015), Pezatti (2011), Weedwood (2002), among others, were fundamental in addressing such linguistic trends. We hope that this article can contribute to language studies, as well as assist those who are interested in human language in their studies and analysis.

Keywords: Trends in Linguistics. Structuralism. Generativism. Functional Linguistics. Analysis proposal.

1 INTRODUÇÃO

Não é de hoje que existem curiosidades acerca do fenômeno da linguagem. Muitas especulações foram feitas antes mesmo de se decretar o nascimento da Linguística como uma ciência autônoma. Inúmeras foram também as formulações de hipóteses a respeito da linguagem até se chegar ao que se entende por língua e linguagem atualmente, no contexto dos estudos linguísticos. Por um lado, pode-se fazer referência à concepção de língua como organismo vivo evocada pelo botânico A. Schleicher (Faraco, 2011, p. 33). Por outro lado, de acordo com Faraco (2011, p. 34), há os neogramáticos Hermann

* Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo. Mestrado em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGEL/Ufes). *Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)*, Vitória, Espírito Santo, Brasil. E-mail: abraaoenolasco@gmail.com.

** Pós-doutorado em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGEL/Ufes). *Faculdade Multivix*, Vitória, Espírito Santo, Brasil. E-mail: nogueiradv@hotmail.com.

Osthoff (1847-1909) e Karl Brugmann (1849-1919), que, numa posição crítica a essa noção naturalista da linguagem, postularam que a língua devia ser relacionada com o indivíduo que a falasse, introduzindo-se, desse modo, uma concepção psicológica subjetivista para interpretar a língua, sobretudo o fenômeno da mudança linguística. Tal concepção de língua, nas palavras de Faraco (2011, p. 34), pode ser vista até hoje tanto nos estudos linguísticos como no senso comum. Fato é que o fenômeno da linguagem é muito complexo e, por isso, não deve ser estudado de forma ingênua e descuidada.

É interessante mencionar, por exemplo, o fato de que se podem perceber influências de estudos antigos em abordagens como o Funcionalismo Linguístico, o qual se caracteriza, de certo modo, como

um retorno à concepção de linguistas anteriores a Saussure, como von der Gabelentz e Hermann Paul, que assentaram o enfoque linguístico em fenômenos sincrônicos e diacrônicos no final do século XIX, entendendo que se deve explicar a estrutura linguística em termos de imperativos psicológicos, cognitivos e funcionais. (Delancey, 2001, *apud* Pezatti, 2005, p. 166)

A Linguística passou por grandes formulações e teve teóricos importantes em seu percurso até se chegar ao que se tem por Linguística atualmente. Essa área de estudos tem seu início nos fins do século XVIII, a partir do interesse pelo sânscrito, língua clássica dos hindus. Nessa fase inicial, por se perceberem várias semelhanças entre línguas como sânscrito, latim e grego, formulou-se a hipótese da origem comum (Faraco, 2011, p. 31). É nesse período que surgem os chamados estudos histórico-comparativos da língua, com figuras importantes como Franz Bopp (1771-1867), que intencionava fundamentalmente estabelecer o parentesco entre as línguas, a partir de textos de diferentes línguas sem se seguir uma ordem cronológica, e Jacob Grimm (1785-1863), que, a partir de estudos históricos, demonstrou a regularidade dos processos de mudança linguística.

Por sua vez, os neogramáticos, segundo Faraco (2011, p. 34), foram um outro grupo de estudiosos da língua que, com base em uma orientação psicológica subjetiva, buscava interpretar a mudança linguística, no entanto, diferentemente dos estudos anteriores, o objetivo não era chegar a uma língua original, mas, a partir das línguas atuais, compreender a natureza da mudança linguística e seus mecanismos.

Como se pode ver, não é de hoje que se discute acerca da linguagem, e, para isso, existem muitos estudiosos que se debruçam sobre os fenômenos que a constituem e caracterizam. Sendo assim, não se tem o interesse de esgotar todos os estudos voltados para a língua nem para os seus fenômenos. A intenção maior deste artigo é apresentar, de forma geral, tendências que até hoje estão muito presentes em estudos sobre a linguagem, que são o Estruturalismo, Gerativismo, abordagens formalistas, e o Funcionalismo Linguístico, tendência norteadora deste estudo, além de apresentar uma proposta de análise linguística com base em dois princípios funcionalistas – a iconicidade e a informatividade – a partir de Santos (2016) e Autor (2022).

2 O ESTRUTURALISMO E GERATIVISMO: TENDÊNCIAS FORMALISTAS DA LINGUÍSTICA

2. 1 O ESTRUTURALISMO LINGUÍSTICO

O Estruturalismo Linguístico (ou, ainda, Linguística Estrutural), fundado a partir dos manuscritos baseados nas ideias de Ferdinand de Saussure, é uma tendência da linguística que compreende a língua como um sistema composto por unidades que se organizam a partir de regras de funcionamento. Por assim ser, a língua é entendida como uma estrutura, daí a proposta para o nome dessa abordagem linguística. As regras as quais tais unidades seguem são leis internas estabelecidas pelo próprio sistema linguístico. Os fundamentos de tal teoria da linguagem podem ser encontrados no *Curso de Linguística Geral* (1916)¹.

Em uma primeira abordagem, é preciso pontuar que tal tendência linguística lança mão de um estudo da língua totalmente imanente, o que significa que a língua deve ser estudada em si e por si mesma e, portanto, fatores de ordem externa à língua devem ser ignorados, visto que o fundamental para a análise linguística são as relações internas à linguagem. Com base nisso, para essa perspectiva, o que permite o funcionamento da língua é o sistema de valores constituído pelas associações, combinações e exclusões verificadas entre as unidades linguísticas do próprio sistema.

Ademais, é imprescindível mencionar que o Estruturalismo Linguístico representa uma grande mudança nos estudos voltados à linguagem. A Linguística Histórica já buscava tratar a linguagem em si e por si mesma, diferentemente de como se fazia anteriormente a essa abordagem histórica, já que o estudo da linguagem se relacionava com outros interesses, mas é só a partir de Ferdinand de Saussure que a Linguística passa a ser considerada efetivamente uma ciência autônoma, por isso esse estudioso é considerado tão importante para a ciência da linguagem, chegando a ser denominado como o “pai” da Linguística Moderna. É a partir desse teórico que houve uma separação entre perspectiva histórica e não histórica do estudo dos fenômenos linguísticos. Como pontua Faraco (2011, p. 28),

[...] é inegável que Saussure realizou um grande corte nos estudos linguísticos. Suas concepções deram condições efetivas para se construir uma ciência sincrônica da linguagem. A partir de seu projeto, não houve mais razões para não se construir uma ciência autônoma a tratar exclusivamente da linguagem, *considerada em si mesma e por si mesma*, e sob o pressuposto da separação estrita entre a perspectiva histórica e não histórica.

Costa (2015, p. 114) pontua que a linguagem, para Saussure, é entendida como um sistema articulado, sendo concebida como uma estrutura e comparada a um jogo de xadrez. Desse modo, cada *peça* dessa estrutura, que é a linguagem, tem seu valor definido pelas regras do jogo, que são internas; assim, o seu valor não é estabelecido por si mesmo ou pela sua materialidade. Com isso, Saussure ofereceu conceitos fundamentais para que os estudiosos da linguagem pudessem compreendê-la como um sistema independente.

¹ O *Curso de Linguística geral*, segundo Costa (2015, p. 114), é uma obra póstuma de Saussure, publicada três anos depois de sua morte, e configura-se como reconstrução, a partir de anotações de alunos, de três cursos lecionados por Saussure entre 1907 e 1911, na Universidade de Genebra.

Além disso, o conhecimento do funcionamento linguístico independe da materialização dos elementos linguísticos. Isso pode ser exemplificado a partir do fato de o sistema fonológico de uma língua poder ser expresso a partir do movimento dos lábios apenas, sem nenhuma emissão de som (Costa, 2015, p. 115). Assim sendo, as regras desse *jogo linguístico* não necessitam do suporte físico – som, movimento labial, gestos etc. – em que se realizam. A língua é entendida, por conseguinte, como forma, não como substância, isto é, a matéria a partir da qual se manifesta (Costa, 2015, p. 115).

Ademais, no Estruturalismo busca-se dividir os conceitos estudados, obtendo-se, assim, um par opositivo, divisão esta denominada de *dicotomia*. Weedwood (2002, p. 127) diz que uma das principais dicotomias que caracterizam tal tendência linguística é a *langue* em oposição à *parole*. Esse par é o que caracteriza a linguagem, considerada como um objeto duplo, visto que “o fenômeno linguístico apresenta perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra” (Costa, 2015, p. 116).

Para essa visão teórica, a língua é concebida como um instrumento coletivo usado por indivíduos de uma determinada comunidade para exercerem a comunicação. Outrossim, a língua é considerada a parte essencial da linguagem e constitui um sistema gramatical depositado virtualmente no cérebro de indivíduos de uma mesma comunidade linguística. Weedwood (2002, p. 127), a respeito da *langue*, afirma que, “embora *langue* signifique ‘língua’ em geral, como termo técnico saussuriano fica mais bem traduzido por ‘sistema linguístico’, e designa a totalidade de regularidades e padrões de formação que subjazem aos enunciados de uma língua”.

Já a *parole* (fala), de acordo com Saussure (1975, p. 22), é o uso individual do sistema que caracteriza a língua, ou seja, é o uso que cada sujeito, individualmente, faz da língua. Além disso, a fala é o resultado das combinações que o indivíduo faz dos elementos linguísticos, objetivando exteriorizar seu pensamento, e o mecanismo psicofísico que lhe permite exprimir tais combinações. É o uso prático e concreto que o falante faz de um código da língua em um determinado momento de comunicação. A língua é considerada a condição da fala, uma vez que esta está submetida às regras que correspondem à língua.

Considerando tal dicotomia, Costa (2015, p. 116) expõe que o objeto de estudo da Linguística Estrutural é a língua, porque é nela que se encontra a essência da atividade comunicativa e não naquilo que é específico a cada indivíduo. Isso não significa que se possa estudar a língua independentemente da fala, pois há uma estreita ligação entre ambas. Para Costa (2015, p. 116), “a língua é, ao mesmo tempo, instrumento e produto da fala”.

Outra dicotomia saussuriana muito conhecida é a existente entre significado e significante. Para Saussure (2021[1916]), a língua é vista como um sistema de signos, sendo, desse modo, constituída pelo signo e este, constituído por duas partes inseparáveis: o significante e o significado. Dito de outro modo, as unidades que se organizam e se relacionam a partir de princípios de funcionamento internos e que constituem a língua (sistema / forma / estrutura) são chamadas de signos linguísticos². Ilari (2011, p. 63)

² De acordo com Saussure (2021[1916], p. 115-116), “O signo linguístico não une uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; ela é sensorial, e se

esclarece que a noção de signo linguístico é uma contraposição feita por Saussure à concepção de linguagem que postula que as palavras nomeiam seres cuja existência precede a língua e cujas propriedades são determinadas independentemente dela. Assim sendo, “os dois componentes do signo saussuriano – o significante e significado – não devem sua existência a nenhum fator externo à língua, mas tão somente ao fato de que estão em oposição a todos os demais significados e significantes previstos pela língua” (Ilari, 2011, p. 63).

Como já dito, a língua, para a perspectiva estruturalista da linguagem, é uma realidade psíquica, isto é, um sistema de regras depositado virtualmente na mente dos indivíduos de uma mesma comunidade linguística, e as faces que compõem o signo linguístico também são psíquicas e estão ligadas no cérebro por associação (Costa, 2015, p. 119).

Portanto, concebe-se o significante como a imagem acústica, a representação psíquica de um som material, a representação da palavra enquanto fato de língua virtual, uma sequência de fonemas, enquanto o significado é compreendido como o conceito atribuído ao significante, ou seja, representa o sentido atribuído ao significante (Saussure, 2021[1916], p. 117).

Para concluir essas considerações gerais acerca do Estruturalismo, é imprescindível mencionar a concepção da arbitrariedade do signo, o que significa dizer que “o vínculo que une o significante ao significado é arbitrário, ou também, já que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante a um significado, podemos dizer de modo mais simples: *o signo linguístico é arbitrário*” (Saussure, 2021[1916], p. 117). Ou seja, não há nada que determine a relação existente entre significante e significado. A relação entre essas duas faces do signo linguístico é arbitrária por ser cultural e convencional, não sendo, desse modo, motivada. Ainda no polo formalista da linguagem está o Gerativismo, acerca do qual discutiremos na seção seguinte.

2. 2 O GERATIVISMO CHOMSKYANO

Além do Estruturalismo, tem-se também o Gerativismo, chamado também de Linguística Gerativa, ou, ainda, Gramática Gerativa, pertencente ao polo formalista de estudos da linguagem. Essa abordagem linguística principiou no final da década de 1950, nos Estados Unidos, e tem Noam Chomsky como uma de suas figuras mais notórias até hoje.

O Gerativismo busca descrever e explicar o que é e como funciona a linguagem humana a partir de uma abordagem inspirada na perspectiva lógica e formal de análise, geralmente encontrada nas Ciências Exatas. Essa abordagem formal opõe-se, de acordo com Weedwood (2002, p. 132), à concepção behaviorista de língua, segundo a qual a linguagem é condicionada socialmente a partir da repetição de uma resposta dada a um determinado estímulo da interação social.

nos ocorre chamá-la ‘material’ é unicamente nesse sentido e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato”.

A Linguística Gerativa se contrapõe a essa concepção behaviorista justamente por considerar que o ser humano é criativo ao usar a língua, o que significa que “a todo momento, os seres humanos estão construindo frases novas e inéditas, ou seja, jamais ditas antes pelo próprio falante ou por qualquer outro indivíduo” (Kenedy, p. 2015, p. 128). Não considerando a linguagem como um fenômeno externo ao indivíduo, conforme postulavam os behavioristas, como Bloomfield, por exemplo, Chomsky considera que

o comportamento linguístico dos indivíduos deve ser compreendido como resultado de um dispositivo inato, uma capacidade genética e, portanto, interna ao organismo humano (e não completamente determinada pelo mundo exterior, como diziam os behavioristas), a qual deve estar fincada na biologia do cérebro/mente da espécie e é destinada a constituir a competência linguística do falante. Essa disposição inata para a competência linguística é o que ficou conhecido como *Faculdade da Linguagem*. (Kenedy, 2015, p. 129)

É essa faculdade que, para tal abordagem de estudo da linguagem, distingue os humanos dos demais seres do mundo. E é justamente o funcionamento dessa disposição inata que o Gerativismo busca explicar e descrever. Essa abordagem da linguagem suplanta a noção behaviorista vigente da época e as línguas “passam a ser analisadas como uma faculdade mental natural. A morada da linguagem passa a ser a mente humana” (Kenedy, 2015 p. 130). Pode-se mencionar também que, para a Gramática Gerativa,

essa faculdade da linguagem, em seu estado inicial, isto é, no estado em que ela está logo que a criança nasce, é considerada uniforme em relação a toda a espécie humana. Isso significa que todas as crianças, venham elas a ser falantes de português, chinês ou suaíli, são dotadas da mesma faculdade da linguagem e partem do mesmo estado inicial. Esse estado inicial vai sendo modificado à medida que a criança vai sendo exposta a um determinado ambiente linguístico. Assim, uma criança que cresce em um ambiente linguístico em que se fala português desenvolve o conhecimento dessa língua, a partir da interação da informação genética que ela traz no estado inicial de sua faculdade da linguagem com os dados linguísticos a que é exposta. (Negrão; Scher; Viotti, 2019, p. 96).

Além disso, no bojo do Gerativismo, tem-se a *Gramática Transformacional*, cujos objetivos são a) descrever como os constituintes das sentenças se formavam e b) como os constituintes das sentenças, a partir de regras, transformavam-se em outros. Nesse ínterim, a gramática, entendida como um sistema de regras, que é um conhecimento linguístico presente na mente do falante, capacita-o a produzir infinitas sentenças e transformar uma sentença em outra (Kenedy, 2015, p. 133). É nesse primeiro momento do Gerativismo, de acordo com Kenedy (2015, p. 133), que se fala em *Estrutura Profunda* e *Estrutura Superficial*, sendo aquela a estrutura primeiramente elaborada e esta, a estrutura derivada da que foi produzida primeiramente, a partir de regras transformacionais.

Vale também ressaltar que “outro centro de atenção dos gerativistas sempre foi compreender como é possível que os falantes de uma língua tenham *intuições* sobre as estruturas sintáticas que produzem e ouvem” (Kenedy, 2015, p. 133), intuições estas que são realizadas pelo falante graças ao seu conhecimento linguístico inconsciente sobre sua língua, o qual é designado pelos estudiosos gerativistas de *competência linguística*. É bom pontuar que esse conhecimento não é a mesma coisa que o comportamento linguístico,

denominado de *desempenho linguístico*. Portanto, as pesquisas gerativistas concentram-se na competência linguística dos falantes. Por se interessarem pela competência, e não pelo desempenho linguístico, tais pesquisas não costumam levar em conta dados reais de uso da língua. Nesse sentido, é o funcionamento da mente, o qual permite a formulação de estruturas linguísticas, que importa aos linguistas afiliados à Linguística Gerativa.

A noção de Gramática Universal (GU) pode ser elencada como outro fruto dos estudos gerativistas e representa um avanço de tais estudos, suplantando a concepção de competência linguística. A Gramática Universal pode ser entendida como um algoritmo fornecido pela Faculdade da Linguagem que torna os falantes aptos para desenvolver/adquirir a gramática de uma língua (Kenedy, 2015, p. 136). Ademais, segundo Kenedy (2015, p. 136), a GU deve ser compreendida como “o conjunto das propriedades gramaticais compartilhadas por todas as línguas naturais, bem como as diferenças entre elas que são previsíveis segundo o leque de opções disponíveis na própria GU”. Chega-se, portanto, à Teoria de Princípios e Parâmetros, sendo o Princípio o fato de todas as línguas compartilharem as mesmas características gramaticais e Parâmetro, a variação entre línguas. Um Princípio da GU, por exemplo, é a possibilidade de as sentenças de todas as línguas apresentarem sujeito; já um Parâmetro da GU seria o fato de algumas línguas aceitarem sentenças sem sujeito e outras, não.

Para concluir esta breve apresentação acerca da Linguística Gerativa, é importante mencionar que esta é uma teoria sintaticocêntrica, na medida em que a sintaxe é o que mais importa para tal abordagem linguística. Outrossim, a língua, para os gerativistas, é constituída por módulos autônomos, o que significa dizer que a sintaxe é estudada isolada da semântica, por exemplo. Sendo a sintaxe o elemento central para o Gerativismo,

ela retira do léxico as palavras com as quais construirá, segundo suas próprias regras, estruturas como sintagmas e sentenças, que da sintaxe são encaminhadas para a preparação para a pronúncia, no módulo fonológico, e para a interpretação formal, no módulo semântico. (Kenedy, 2015, p. 137).

Expostas tais considerações acerca do Estruturalismo e do Gerativismo, abordagens que se encontram no eixo formalista de estudo da linguagem, exporemos na seção subsequente acerca do Funcionalismo Linguístico em sua versão clássica, assim como buscaremos propor um exemplo de análise a partir de duas categorias dessa vertente de estudo da língua.

3 O FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO

3.1 O FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO CLÁSSICO

O Funcionalismo Linguístico Clássico (ou Linguística Funcional Clássica³), como o próprio nome já deixa claro, se encontra no polo funcionalista de estudos da linguagem.

³ Usam-se, neste texto, Funcionalismo Linguístico Clássico e Linguística Funcional Clássica como termos intercambiáveis.

Esse polo de estudos concebe a língua como um instrumento de interação social, um fenômeno cultural, usado pelos falantes principalmente para o estabelecimento de um processo comunicativo. Afiliadas ao paradigma funcional estão teorias como a Linguística de Texto, o Funcionalismo Linguístico, a Semiologia, a Análise Crítica do Discurso entre outras, as quais assumem a postura de se considerar, na análise linguística, o uso real da língua (Castanheira, 2020).

É importante salientar que o polo funcional e Funcionalismo Linguístico não são sinônimos, uma vez que, como se apresentou, no polo funcional estão afiliadas abordagens teóricas, e uma delas é o Funcionalismo. De acordo com Castanheira (2020), as perspectivas desse paradigma apresentam características em comum, mas podem se distanciar a depender dos aspectos nos quais focalizam em suas análises.

É importante mencionar também que o Funcionalismo Linguístico não se trata de uma teoria homogênea; muito pelo contrário, tal teoria engloba vários modelos teóricos, como o Funcionalismo Clássico, a Gramática Discursivo-funcional, a Linguística Funcional Centrada no Uso, a Linguística Sistêmico-funcional, entre outros, que se distanciam por terem metodologias próprias, mas que se aproximam por compartilharem da mesma visão: a linguagem como instrumento de interação social, que é influenciada pelo uso que seus falantes fazem dela, além do postulado da não autonomia da língua. Furtado da Cunha (2015, p. 158) considera, por exemplo, que há modelos funcionalistas mais antigos que focalizam as funções associadas à organização interna do sistema linguístico, ao passo que há modelos mais recentes que consideram as funções que a linguagem pode desempenhar nas situações comunicativas, dando maior ou menor importância aos aspectos cognitivos relacionados à comunicação. Neste artigo, vamos nos dedicar majoritariamente ao Funcionalismo Linguístico Clássico.

Voltando nossas considerações à Linguística Funcional Clássica, podemos afirmar que tal teoria assume que a língua “não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical” (Martelotta; Kenedy, 2015, p. 14). Nesse sentido, a pragmática e o discurso, que não são levados em consideração em análises linguísticas de cunho formal, passam a ser considerados aspectos imprescindíveis para o estudo da linguagem.

Além disso, entende-se que “a situação comunicativa motiva a estrutura gramatical” (Martelotta, 2015, p. 63). Dessa maneira, defende-se que os aspectos gramaticais de uma língua devem ser analisados levando-se em conta o seu uso em situações reais de comunicação, uma vez que há uma relação de simbiose entre discurso e gramática, ou seja, gramática e discurso não são vistos como diferentes e separados, mas como aspectos interrelacionados que se influenciam mutuamente.

A teoria funcionalista vai na contramão daquilo que predominava nos anos de 1970, os estudos de cunho gerativista, no entanto o Funcionalismo Linguístico não tem seu nascimento tão recente ou, ainda, contemporâneo ao Gerativismo. Pelo contrário, “o paradigma funcional ostenta, na verdade, uma história quase tão longa quanto a do paradigma formal, incluindo-se neste o estruturalismo saussuriano” (Pezatti, 2005, p. 166).

Ademais, o Funcionalismo Linguístico, de acordo com Pezatti (2005, p. 168), ao contrário de abordagens congregadas no paradigma formal, não se limita a estudar a estrutura linguística em si mesma, mas procura explicar a língua a partir das funções que esta exerce na comunicação. Outrossim, “o enfoque da linguagem como instrumento de interação social tem por objetivo revelar a instrumentalidade da linguagem em termos de situações sociais” (Pezatti, 2005, p. 168), ou seja, busca-se evidenciar o papel que a linguagem exerce nas diferentes situações em que acontecem os usos linguísticos.

Opondo-se ao princípio de autonomia da língua, Givón (1995) – uma das principais figuras do Funcionalismo Linguístico Clássico – defende que só se consegue compreender a linguagem a partir da cognição e comunicação, processamento mental da linguagem, interação social e cultura, mudança e variação linguísticas, aquisição e evolução. Nessa perspectiva, esse modelo teórico compreende que a linguagem é uma atividade sociocultural influenciada por princípios cognitivos e comunicativos, icônica e não arbitrária (Givón, 1995). Trata-se, portanto, de uma perspectiva que não desvincula a língua nem do falante nem do contexto em que é usada.

Outro fator que caracteriza tais estudos linguísticos funcionalistas é a negação da centralidade da sintaxe e a concepção de que a sintaxe é dependente/influenciada da/pela pragmática, já que, juntamente com a semântica, a sintaxe deve ser estudada dentro da moldura da pragmática. Diante disso, o Funcionalismo Linguístico elege “o discurso e a semântica como componentes centrais de uma língua e seu ponto de partida, considerando-se a gramática como seu ponto de chegada” (Castilho, 2010, p. 65). Nesse sentido, uma gramática funcional descreve a língua considerando não apenas fatores morfossintáticos, mas também semânticos, pragmáticos e discursivos. Portanto, como estabelecem Martellota e Kenedy (2015, p. 16), “a sintaxe não é autônoma, mas subordinada a mecanismos semânticos que nossa mente processa durante a produção linguística em determinados contextos de uso”.

3. 1. 1 O conceito de função

O termo *funcionalismo* faz com que pensemos logo no termo *função*, já que aquele derivou-se deste. No entanto, a palavra *função* apresenta tantos sentidos, que não se pode relacioná-la diretamente ao funcionalismo, a não ser que se explicita o sentido de *função*. Martinet (1994, p. 11-12 *apud* Moura Neves, 2018, p. 19), por exemplo, apresenta três sentidos de tal termo. Vejamos:

1. o valor de “papel”, ou de “utilidade de um objeto ou de um comportamento” - que é adotado pela Sociedade Internacional de Linguística Funcional – SILF;
2. o valor de “papel de uma palavra em uma oração”, acrescentado ao significado da palavra em seu contexto (que é o que está na tradição gramatical);
3. o valor matemático de “grandeza dependente de uma palavra ou de diversas variáveis”.

Sobre a noção de função apresentada em 3, Moura Neves (2018) diz que não é prudente funcionalistas adotá-la, pois, se assim o fizerem, os gerativistas poderão ser

considerados funcionalistas, na medida em que Chomsky e seus seguidores baseiam suas análises em modelos matemáticos de *função*.

Além dessas noções, pode-se citar a abordagem feita por Martelotta e Kenedy (2015) para o termo *função*, que é a de que

todos os sentidos do termo (*função*) de certa forma se relacionam, por um lado, com a dependência de um elemento estrutural de elementos de outra ordem ou domínio (estrutural ou não estrutural), e por outro lado, com o papel desempenhado por um elemento estrutural no processo comunicativo, ou seja, a função comunicativa do elemento. (Martelotta; Kenedy, 2015, p. 11)

Com base no que foi exposto, neste trabalho, consideramos o termo *função* a partir do sentido 1 explicitado por Martinet (1994) e do que apresentam Martelotta e Kenedy (2015). Portanto, neste artigo, o termo *função* refere-se ao papel que determinado elemento estrutural exerce na interação linguística.

4 UMA BREVE ILUSTRAÇÃO DE ANÁLISE NOS MOLDES DO FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO

Para ilustrar o tratamento dado pelo Funcionalismo aos fenômenos da língua, mais especificamente o Funcionalismo Linguístico em sua versão clássica, apresentamos, a seguir, duas análises a partir dos princípios da iconicidade e informatividade (Givón, 1995; 2001). Primeiramente, é importante pontuar que o princípio da iconicidade diz respeito à motivação existente entre forma e significado, ou seja, é “a correlação entre forma e função” (Givón, 1995). Em sua versão branda, de acordo com Givón (2001, p. 34-35), a iconicidade apresenta alguns subprincípios, dos quais três serão apresentados brevemente a seguir:

- I. quantidade: quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma, de tal modo que a estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura do conceito que ela expressa;
- II. proximidade: os conteúdos que estão mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação; o que está mentalmente junto, coloca-se sintaticamente junto;
- III. ordenação linear: a informação mais importante ou mais acessível tende a ocupar o primeiro lugar da cadeia sintática, de modo que a ordem dos elementos no enunciado tem a ver com a relação entre a importância ou acessibilidade da informação veiculada pelo elemento linguístico e sua colocação na oração.

A iconicidade, como afirmam Furtado da Cunha e Bispo (2016, p. 63), “é estimulada por questões de clareza e transparência, de modo a reduzir a opacidade entre forma linguística e seu correlato semântico e/ou pragmático”.

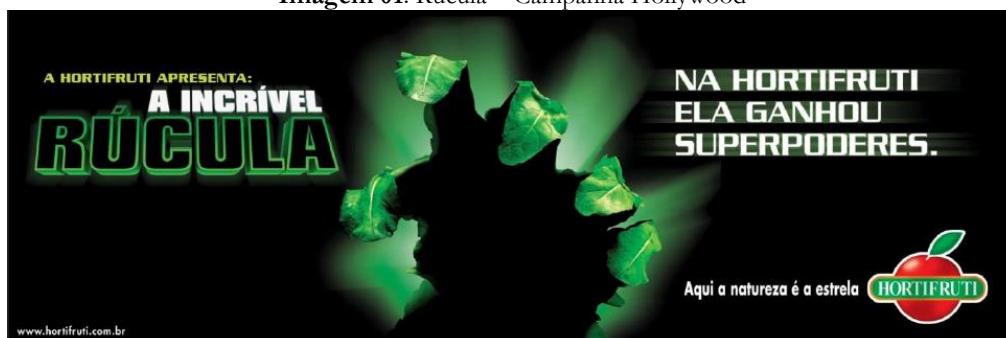
A informatividade, por sua vez, está relacionada, de acordo com Furtado da Cunha e Bispo (2016, p. 65),

com o conteúdo informacional que os interlocutores compartilham, ou supõem compartilhar, no momento da interação verbal. Em função desse conhecimento (supostamente) compartilhado, o locutor não apenas procura dosar o conteúdo informacional para seu interlocutor, mas também se esforça em monitorar/orientar o ponto de vista deste, visando atingir determinado(s) objetivo(s). Para isso, conta tanto com o aparato linguístico (léxico-gramatical), em suas múltiplas possibilidades de organização e codificação textual, quanto com recursos extralinguísticos (gestos, expressões, dados do contexto interacional).

Abordando o princípio da informatividade, a partir de uma ótica cognitivista, Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2015, p. 35), consideram que “uma pessoa se comunica para informar o interlocutor sobre alguma coisa, que pode ser algo do mundo externo, do seu próprio mundo interior, ou algum tipo de manipulação cujo alvo seria esse interlocutor”. Nesse sentido, aquilo que é materializado linguisticamente no texto (falado ou escrito) está, de certo modo, atrelado ao conhecimento prévio (tanto texto como cultural, por exemplo) compartilhado (ou supostamente compartilhado) entre falante/escritor e ouvinte/leitor.

Em seu trabalho acerca do funcionamento dos elementos adverbiais no gênero propaganda, mais especificamente nas propagandas da Hortifruti, partindo da revisão da literatura tradicional acerca dos adjuntos adverbiais, que os trata como termos acessórios e dispensáveis para o sentido da oração, Santos (2016), fundamentada na perspectiva funcionalista da linguagem, objetivou investigar o papel dos adjuntos adverbiais, em textos inseridos num contexto real de comunicação, para, assim, evidenciar a importância de tais adjuntos para o entendimento do enunciado e demonstrar a necessidade de se considerarem fatores de ordem pragmático-discursiva na análise dos adjuntos adverbiais, propondo, dessa maneira, uma nova abordagem desses elementos. Considerando isso, observe-se a propaganda a seguir, que faz parte do *corpus* de análise da autora:

Imagem 01: Rúcula – Campanha Hollywood



Fonte: MP Publicidade (Santos, 2016)

A partir do uso dos elementos de natureza adverbial presentes nesta propaganda, Santos (2016, p. 118) explica que só é possível encontrar “a incrível rúcula”, detentora de mais vitaminas e proteínas potencialmente favoráveis à saúde do consumidor, no mercado Hortifruti, visto que é lá que ela ganhou superpoderes. A autora continua reiterando que tal interpretação só é passível de ser feita com base na presença dos elementos de natureza

adverbial de lugar, verbalmente representados por “na Hortifruti” e imageticamente representados pela logomarca do mercado, localizada no canto direito inferior. Santos (2016, p. 119) afirma que ambos os elementos locativos precisam em que lugar a rúcula ganhou superpoderes.

Em seguida, Santos (2016, p. 119) considera que o elemento locativo é um recurso sobre o qual o anunciante lança mão para atingir seu propósito comunicativo, o de enaltecer a rede varejista de hortifrutigranjeiros Hortifruti, mostrando que é um excelente lugar para fazer compras, porque é um mercado que trata cuidadosamente de seus produtos, assim como são cuidadas as estrelas de cinema. Além disso, a estudiosa pontua que a indicação do locativo como sendo a Hortifruti, também acaba por desmerecer os outros estabelecimentos ao revelar que lá a rúcula é mais poderosa que em outros lugares (Santos, 2016, p. 119).

Para explicar o uso de tais elementos de natureza adverbial na propaganda, Santos (2016, p. 119) baseia-se no *subprincípio icônico da quantidade* (Givón, 2001), na medida em que a quantidade de informação textual está relacionada à quantidade de formas para sua codificação, de modo que uma informação que for menos previsível receberá maior material de codificação, considerando que a base cognitiva deste princípio se encontra vinculado a áreas de maior esforço e atenção. Isso ressalta a importância de tais elementos linguísticos no texto, indo de encontro à noção de dispensabilidade dos adjuntos adverbiais.

Leiamos, agora, a manchete da notícia a seguir:

Motorista bêbado e sem carteira atropela duas crianças em São Mateus, diz polícia no ES

Condutor foi autuado em flagrante por lesão corporal culposa na direção de veículo, embriaguez ao volante, e por ter fugido do local do acidente. Crianças foram socorridas. [...]

G1 ES (10.12.2019)

Notícia G1 ES

Fonte: Autor (2022)

Autor (2022, p. 30), a partir da noção de dispensabilidade do adjunto adnominal para a oração que gramáticas de cunho tradicional consideram (Cunha; Cintra, 2001[1985]; Bechara, 1999; Rocha Lima, 2001[1972]; Luft, 2002), busca estudar o funcionamento do adjetivo em função de adjunto adnominal em manchetes e suas respectivas notícias veiculadas em jornais on-line, a fim de interpretar os possíveis efeitos de sentido nas notícias e manchetes selecionadas e verificar se o adjetivo é realmente um termo irrelevante para a construção de sentido do texto e propósito do produtor das notícias.

Considerando a manchete acima, Autor (2022) considera que o adjetivo “bêbado”, em “Motorista bêbado e sem carteira atropela duas crianças [...]”, além de contribuir para caracterizar o motorista, apresentam a provável causa da ação por ele praticada e indica, ainda, um alerta sobre o comportamento negativo desse indivíduo. O autor acrescenta que o uso de tais elemento verbais pode gerar certa indignação (ou revolta, ou reflexão)

no destinatário, na medida em que é possível que este enxergue (e constate) o fato de dirigir sob efeito de álcool e sem habilidade necessária para condução de veículo (ou permissão) uma atitude irresponsável e imprudente. Esses itens lexicais, de acordo com Autor (2022), tais elementos reforçam a ideia de responsabilização e culpabilização do motorista.

Para justificar o funcionamento discursivo desses adjetivos, o autor lança mão do *princípio da informatividade* e argumenta que, com o intuito de culpabilizar e responsabilizar o motorista e gerar certa indignação no leitor, o produtor da notícia lança mão de tais itens linguísticos (Autor, 2022, p. 30). Tais análises empreendidas pelo autor corroboram a ideia de que o adjetivo é um elemento linguístico de suma importância para a interação verbal entre os falantes da língua portuguesa, podendo atribuir uma propriedade particular a um elemento designado por um substantivo (Moura Neves, 2018, p. 283), não podendo ser simplesmente removido do texto sem que haja prejuízos na comunicação, mesmo que, para gramáticas tradicionais, o adjetivo na função de adjunto adnominal seja considerado um elemento dispensável para o sentido do enunciado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, objetivamos apresentar de modo geral as três grandes tendências da ciência linguística, que são o Estruturalismo e Gerativismo, abordagens do polo formalista de estudos da língua, e o Funcionalismo Linguístico Clássico, abordagem que fundamenta o presente trabalho e que se encontra congregada no paradigma funcional de estudos da linguagem. Além disso, buscamos evidenciar, a partir de trabalhos de Santos (2016) e Autor (2022), o tratamento dado a aspectos linguísticos pelo Funcionalismo Linguístico, a fim de ilustrar como a língua pode ser estudada por tal abordagem. Para compreender que os estudos voltados para o fenômeno da linguagem não são tão recentes, fizemos também um breve apanhado daquilo que foi realizado antes mesmo de a Linguística ser considerada uma ciência autônoma, cujo objetivo era estudar a língua sem utilizá-la apenas como meio para outros estudos.

Não se teve como intenção esgotar tais tendências linguísticas, mas apresentar as principais contribuições que cada uma delas trouxe e, ainda, traz para os estudos da linguagem. Tentamos evidenciar, então, que, enquanto as abordagens de cunho formalista se comprometem a estudar a língua em si mesma sem levar em conta o seu uso em situações de comunicação reais, o Funcionalismo Linguístico Clássico busca compreender a língua a partir de seu uso real, considerando, nesse sentido, não só aspectos estruturais, mas também semânticos, pragmáticos e discursivos. Esperamos que este artigo possa contribuir com os estudos da linguagem, assim como auxiliar aqueles que se interessam pela linguagem humana em seus estudos e análises.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. ampl e atualizada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

CASTANHEIRA, D. Linguística de Texto e Funcionalismo Norte-Americano em diálogo: em defesa de uma agenda de pesquisas. *PERcursos Linguísticos*, [S. l.], v. 12, n. 31, p. 181–202, 2022. DOI: 10.47456/pl.v12i31.38661. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/38661>. Acesso em: 9 abr. 2023.

CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo Toscano. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (orgs.) *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. v. 3. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. *Linguística Funcional: teoria e prática*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2015.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da linguística funcional centrada no uso. *Revista do GELNE*, v. 15, n. 1/2, p. 53-78, 15 mar. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9410>. Acesso em 22 nov. 2021.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de Linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Amsterdam: Philadelphia: John Benjamins, 2001. v. 1.

GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

ILARI, R. O Estruturalismo Linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (orgs.) *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. v. 3. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KENEDY, E. Gerativismo. In: MARTELOTTA, M. E. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, I. V. K. A referenciação como construção sociocognitiva: o caso dos rótulos. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte. v. 16, n. 1, p. 201-2013, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2486>. Acesso em: 22 nov. 2021.

LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2002.

MARTELOTTA, M. E. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

MARTELOTTA, M. E.; KENEDY, E. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

NEGRÃO, E.; SCHER, A.; VIOTTI, E. A competência linguística. In: *Introdução à Linguística: objetos teóricos*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

MOURA NEVES, M. H. *Gramática Funcional: interação, discurso e texto*. São Paulo: Contexto, 2018.

AUTOR. Um olhar funcionalista para o adjetivo em função de adjunto adnominal em notícias e suas respectivas manchetes. *Cadernos De Pós-Graduação Em Letras*, 22(3), 18–34, set./dez. 2022. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzic.br/index.php/cpgl/article/view/15307>. Acesso em: 9 abr. 2023.

PEZATTI, E. G. O funcionalismo em linguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2005.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 48. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

SANTOS, D. R. S. *O funcionamento dos elementos adverbiais no gênero propaganda*. 2016. 145f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Trad.: Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.

WEEDWOOD, B. *História concisa da Linguística*. São Paulo: Parábola, 2002.